

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

E assim, a pouco e pouco, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras procurará realizar os seus grandes objectivos: despertar vocações, preparar investigadores; contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o progresso da ciência arqueológica em Portugal; numa palavra, *fazer Escola*. Essa será a melhor maneira de bem servir a Universidade e o País.

### MISSÃO ARQUEOLÓGICA AO IRAQUE

Com o alto patrocínio e indispensável concurso da Fundação Calouste Gulbenkian, visitou o Iraque em 1958 uma Missão Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Como ela teria que ser, forçosamente, de estudo e exploração de possibilidades futuras, os seus principais objectivos eram o exame de um certo número de estações arqueológicas mais representativas; a observação dos materiais recolhidos nos museus; o estudo da organização de determinados serviços; e o estabelecimento de contactos pessoais com as individualidades que superintendiam na Direcção de Antiguidades.

Nesta ordem de ideias convinha que nela se integrassem representantes de alguns sectores da investigação cujas observações e experiências pessoais pudessem servir melhor o fim que se tinha em vista, e permitissem um conhecimento tanto quanto possível completo dos quadros em que poderiam vir a decorrer futuros trabalhos, se alguma oportunidade nesse sentido se oferecesse.

O Conselho da Faculdade designou para fazerem parte da Missão o professor catedrático da Secção de História, Doutor Manuel Lopes de Almeida, que a chefiou; o primeiro assistente Doutor Alfredo Fernandes Martins, representante da Secção de Geografia; e o segundo assistente da Secção de História, licenciado J. M. Bairrão Oleiro, representante do Instituto de Arqueologia.

Assentou-se então num plano provisório de visitas a efectuar (que, logo após a chegada a Bagdade, seria submetido à apreciação da Direcção de Antiguidades) e propôs-se que a Missão visitasse o Iraque durante as férias da Páscoa, época que se sabia propícia a trabalhos de campo que, pelas condições\* climáticas, só podem efectuar-se em períodos bem

determinados. Por outro lado, se essa proposta fosse aceite, a actividade docente dos membros da Missão não seria prejudicada.

Consultada a Direcção-Geral de Antiguidades do Iraque, recebeu-se a seguinte resposta:

«...It gives me much pleasure indeed to inform you that we shall be glad to have here in Iraq the archaeological mission mentioned in your letter ...I think you have chosen the proper time in the year for the visit of the mission to this country. The period of March and April is the time in which archaeological activities are usually at their prime.

The distinguished members of the proposed mission will have the opportunity of seeing excavations in operation at some ancient sites, in addition to their visits to ruins and monuments of a number of ancient cities. They shall certainly find every cooperation from us necessary to make their visit to Iraq pleasant and instructive to them. ...»

Assim, em 24 de Março, depois de apresentar cumprimentos de despedida a Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional e ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a Missão partiu, por via aérea, para Bagdade.

Logo no dia seguinte ao da chegada, ou seja a 25, a Missão foi recebida, com a maior cordialidade e simpatia, pelo Director-Geral de Antiguidades do Iraque e alguns dos seus mais directos colaboradores. Feita a entrega de uma mensagem do Director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a oferta de um exemplar da *História da Universidade de Coimbra*, discutiu-se o itinerário que havia sido delimitado ainda em Portugal. Em princípio tinha-se admitido a possibilidade de visitar, além dos Museus de Bagdade e Mosul, as seguintes estações: Ur, Eridu, Lagash, Nippur, Babilónia, Ctesiphon, Nimrud, Khorsabad, Ninive, Ashur, Jarmo e Hatra.

Com satisfação se verificou que um plano de visitas sugerido pelo Director-Geral Assistente e pelo Director da Investigação Arqueológica coincidia, quase ponto por ponto, com o que se havia estudado. Mas logo nessa altura se viu, em face do que foi dito sobre as dificuldades em realizar certos itinerários, a impossibilidade de ele ser executado integralmente, apesar de toda a colaboração que veio a ser prestada pela Direcção de Antiguidades e pela Iraq Petroleum Company, entidades a que a Missão ficou devendo inúmeras atenções e facilidades.

Apesar do tempo ser escasso (apenas 13 dias e nem todos eles úteis), das distâncias serem enormes, e de estar-se em pleno período do Ramada (quando determinados serviços funcionam apenas durante uma parte do dia), foi possível — graças a essa colaboração e a um completo aproveitamento do tempo — ver-se quase tudo o que se desejava, falar-se com quem interessava, e tratar do que convinha, embora com real esforço físico.

Depois de uma primeira e demorada visita às incomparáveis colecções do Museu de Bagdade, e na companhia de um representante da Direcção de Antiguidades, a Missão iniciou em 26 de Março as suas excursões de estudo a estações arqueológicas, deslocando-se a Tell Harmal e Ctesiphon. No dia seguinte visitou-se Babilónia, a cerca de cem quilómetros da capital, e, antes de ali chegar, fez-se uma paragem nas ruínas do palácio de verão de Nabucodonosor.

O dia 28 foi novamente dedicado ao Museu de Bagdade, que interessava ver o melhor possível, e a 29 a Missão partia para Baçorá, a principal cidade do sul do Iraque, em cujo aeroporto a aguardava o automóvel que, pela estrada do deserto do sul, a transportaria até às ruínas de Ur, a cerca de duzentos quilómetros de distância. A importante estação arqueológica foi demoradamente percorrida, sob um sol escaldante, sob a amável orientação do Inspector de Antiguidades de Nasiriya e do guarda de Ur. Manifestou-se-lhes o desejo de visitar Eridu e Lagash, mas houve que renunciar a esses projectos. Para chegar à primeira seria conveniente requisitar uma escolta de polícia, o que levaria algum tempo a conseguir-se; e Lagash ficava demasiado longe para poder regressar-se no mesmo dia, condição indispensável para não comprometer todo o plano de viagens já fixado em pormenor e garantindo o melhor aproveitamento do tempo disponível.

Em face disso aguardou-se em Nasiriya e Ur-Junction a chegada do comboio nocturno para Bagdade. No próprio dia da chegada à capital, ou seja a 30, a Missão partia para o norte do país, com destino a Mosul, que seria a base para as visitas a realizar naquela região. Na manhã de 31, logo após a chegada, entrou-se em contacto com o director do Museu e com um dos seus auxiliares, que fora escalado para acompanhar os membros da Missão. Visitou-se o interessante museu de Mosul, parte das antigas fortificações (Bash Tabia), o Qara Serai e a igreja caldaica-cristã *Tahara dos Caldeus*. De tarde, pela pequena

distância a que se encontram de Mosul, foi possível visitar as estações arqueológicas de Ninive, Khorsabad e Arpachiya.

Na madrugada de 1 de Abril partia-se, de automóvel, para a longa e fatigante excursão às imponentes ruínas de Hatra, em pleno deserto do norte e não muito longe da fronteira com a Síria. Deve essa visita considerar-se como das mais interessantes, visto que na enorme estação arqueológica, em que está convertida a populosa e importante cidade do reino dos Partos, se notam curiosos resultados das civilizações do Próximo-Oriente, com influências do mundo greco-romano ocidental. A cidade, cujo período de apogeu se situa entre 100 e 300 d.C., foi cercada várias vezes por legiões romanas sem que elas conseguissem vencer a resistência dos seus habitantes, ajudados por poderosas defesas e, muito principalmente, pelo clima hostil e dificilmente suportável do deserto.

Depois da visita a Hatra, foram os componentes da Missão apresentar cumprimentos ao comandante do posto militar vizinho, o Coronel Governador do Território de Hatra e do Deserto do Norte, que os quis homenagear com um almoço. No regresso a Mosul tomou-se um caminho diferente, mais longo, o que permitiu a visita às ruínas de Ashur.

O dia 2 foi inteiramente dedicado às escavações de Nimrud, a antiga Kalah, onde uma expedição britânica procedia a trabalhos sob a direcção do Prof. David Oates, que substituíra o Prof. Mallowan, nesse momento em Inglaterra. Na companhia dos membros da Missão Britânica foram percorridas as antigas escavações e observados os trabalhos, em curso, de escavação, consolidação e restauro. Quis o Prof. David Oates reunir num almoço os membros da Missão portuguesa com os seus companheiros de equipe, recrutada numa interessante base de colaboração internacional. Efectivamente, além de David Oates e sua Esposa, ali trabalhavam Miss Barbara Parker (secretária da British School in Iraq), o Prof. Jorgen Laessoe (da Universidade de Copenhague), o técnico americano Carroll Wales, e um representante do Department of Antiquities, de Bagdade.

No regresso a Mosul visitou-se o Mosteiro de Mar Bahnam, dos católicos sirios.

O dia seguinte foi aproveitado com nova visita ao Museu, à Grande Mesquita (Jami Al Kebér), e uma troca de impressões com um grande conhecedor da região norte do Iraque e da sua arqueologia, o P.<sup>o</sup> Jean Fiey, da Église Latine de Mosul.

A meio da tarde desse dia, por via aérea e com escala em Kirkuk, regressou-se à capital iraquiana.

Em 4 e 5 de Abril, a Missão portuguesa apresentou cumprimentos no Palácio Real; foi recebida pelo Presidente da Universidade de Bagdade, a quem entregou uma mensagem do Reitor da de Coimbra e com quem trocou impressões; visitou novamente o Museu de Arqueologia, o Museu Islâmico instalado do Khan Marjan, o Development Board e a Repartição de Turismo; apresentou os seus agradecimentos e despedidas à Direcção-Geral de Antiguidades e à Iraq Petroleum Company.

A 6 de Abril iniciou-se a viagem de regresso. Durante a estadia no Cairo foram visitadas a Cidadela, as Mesquitas de Hassam e Mohamed Aly, o extraordinário e justamente famoso Museu do Cairo, Mênfis, a necrópole de Sakkara e os monumentos de Gizeh. A paragem em Atenas permitiu a visita dos principais monumentos da cidade, e a possibilidade de uma excursão às estações arqueológicas e monumentos da Argólia: Corinto, Micenas, Argos, Tirinto, Nauplia e Epidauro. Em Roma, apesar do pouco tempo, fez-se uma rápida visita a alguns dos mais famosos monumentos: Capitólio, Forum, Palatino, Anfiteatro Flávio, Panteón, etc..

No dia 16 de Abril, depois de ter estado retida no aeroporto da capital espanhola por avaria no avião, a Missão chegava a Lisboa ao princípio da madrugada.

Disse-se atrás que a Missão teria de ser, forçosamente, de estudo, de exploração de possibilidades futuras e, assim, deveria preocupar-se em atingir os seguintes objectivos: *a)* exame de um certo número de estações arqueológicas mais representativas; *b)* observação dos materiais recolhidos nos museus; *c)* estudo da organização dos Serviços; *d)* estabelecimento de contactos pessoais com as individualidades que superintendiam na Direcção de Antiguidades.

Em que medida se terão atingido esses objectivos? Vejamos por partes e pela ordem em que foram enumerados.

*A)* As visitas que, em princípio, a Missão projectara realizar incluíam: os Museus de Bagdade e Mosul, as estações arqueológicas de Ur, Eridu, Lagash, Nippur, Babilónia, Ctesiphon, Nimrud, Khor-sabad, Ninive, Ashur, Jarmo e Hatra.

Apenas a quatro delas houve que renunciar e por razões fortes. O plano de viagens no interior do Iraque, país extenso e de comunica-

ções difíceis, não foi fácil de harmonizar com o pouco tempo de que se dispunha, tanto mais que se tomava necessário entrar em contacto e trocar impressões com diversas individualidades em Bagdade. Apesar disso foi possível visitar as regiões do Centro, Sul e Norte do país. À excursão a Eridu renunciou-se por motivos já indicados; a Lagash, Nippur e Jarmo não o permitiu a falta de tempo. Em compensação visitaram-se duas estações não incluídas no plano original: Arpachiya e Tell Harmal.

O que se viu pôs a Missão praticamente em contacto com todos os períodos e regiões em que podem dividir-se a História, a Arqueologia e os quadros geográficos da Mesopotamia. É certo que Jarmo é um dos locais mais interessantes para o estudo do período neolítico, e aí não foi possível a ida. Também se não viu qualquer estação paleolítica, mas esses períodos podem ser bem entrevistados através das colecções do riquíssimo Museu de Bagdade.

Nas restantes visitas efectuadas conheceram-se estações em que se encontram documentos e vestígios que podem escalonar-se desde o VI milénio a.C. até ao século vn da nossa Era. E os nomes de Arpachiya, Ur, Tell Harmal, Babilónia, Ashur, Nínive, Khorsabad, Nimrud, Hatra e Ctesiphon são nomes-chave na arqueologia da Mesopotamia.

**B)** Foram detidamente observadas as colecções dos museus de Bagdade, Mosul e Babilónia. Pode dizer-se que, para ficar com um esquema claro da imensa riqueza do solo iraquiano e dos vários períodos em que podem dividir-se a sua arqueologia e a sua história, bastaria a visita ao Museu de Bagdade, uma vez que o de Babilónia é apenas monográfico, e o de Mosul interessa particularmente pelos materiais recolhidos nalgumas estações do norte do país, nomeadamente Hatra.

Graças à gentileza dos membros da Missão Inglesa em Nimrud foi possível ver as peças mais interessantes recolhidas durante a campanha de 1958 (então ainda em curso), entre as quais sobressaía um extraordinário lote de marfins.

**C)** Pelas visitas efectuadas, pelas conversações com arqueólogos iraquianos e estrangeiros, e pelas leituras feitas, viu-se a forma como estavam organizados os serviços de antiguidades, e como eles colaboravam com outros organismos (Development Board, missões estrangeiras, etc.). Pode mesmo adquirir-se a *Antiquities Law no. 59*, de 20 de Abril de 1956, que constitui uma imprescindível base de traba-

lho para todo e qualquer futuro projecto que venha a elaborar-se no sentido de uma colaboração entre os dois países.

**D)** Ofereceu-se a oportunidade de conhecer um razoável número de individualidades ligadas aos Serviços de Antiguidades, e de trocar impressões com algumas das mais qualificadas: o Director-Geral de Antiguidades; o Director-Geral Assistente; o Director da Investigação Arqueológica; os directores dos Museus de Bagdade e Mosul; alguns dos Inspectores de Antiguidades; e, também, o Presidente da Universidade de Bagdade.

Dos resultados da viagem, elementos de estudo recolhidos, e sugestões que pareciam pertinentes e oportunas, se deu conta, em devido tempo, à entidade que patrocinou e tornou possível a ida da Missão ao Iraque.

Ao publicar-se esta notícia se apresentam, uma vez mais, à Fundação Calouste Gulbenkian, os vivos agradecimentos pela honra concedida à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

### LIÇÕES DO PADRE JEAN ROCHE

A convite da Faculdade de Letras e sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, veio a Coimbra, em Janeiro, o ilustre pré-historiador Abbé Jean Roche para fazer uma série de lições subordinadas aos temas *Metodologia na Arqueologia Pré-Histórica, Técnicas de Escavação e Tipologia*.

Embora especialmente destinadas aos alunos de Pré-história e de Arqueologia essas lições tiveram grande êxito e numerosa assistência que as seguiu interessadamente.

Jean Roche, que um ano depois de licenciado, foi admitido com a mais alta classificação no Centro de Formação de Etnólogos do Museu do Homem, dedicou, a partir de 1949, as suas atenções e trabalhos a um ponto bem determinado: o estudo das civilizações pré-históricas post-paleolíticas em Marrocos e no Sudoeste da Europa, e a determinação das possíveis relações entre a Europa e a África do Norte durante esse período.

De então para cá, como *Attaché de Recherches* do *Centre National des Recherches Scientifiques*, tem desenvolvido uma incansável